



Colóquio Internacional “Santuários, Relíquias, Peregrinações”

JOÃO LUÍS FONTES* | MARIA FILOMENA ANDRADE** | PAULO CATARINO LOPES***

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2024.17703>* Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Estudos Medievais (IEM), Portugal
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal <http://orcid.org/0000-0002-7122-4357>
joaofontes@fch.unl.pt** Universidade Aberta, Portugal
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal
Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Estudos Medievais (IEM), Portugal <http://orcid.org/0000-0001-7771-8844>
lumena324@hotmail.com***Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Estudos Medievais (IEM), Portugal
Universidade Nova de Lisboa, CHAM – Centro de Humanidades, Portugal <https://orcid.org/0000-0002-8543-1111>
peclopes@gmail.com

Entre os dias 16 e 18 de novembro de 2023, teve lugar em Lisboa e na Nazaré o Colóquio Internacional “Santuários, Relíquias, Peregrinações”. Com coordenação científica de João Luís Fontes (IEM – NOVA FCSH), Maria Filomena Andrade (UAb, UCP-CEHR) e Paulo Catarino Lopes (IEM – NOVA FCSH), este encontro teve por entidades organizadoras o Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (NOVA FCSH), o Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (UCP-CEHR) e a Rede Internacional “PEREGRINATIO – Research network for the study of pilgrimage in the Middle Ages”.

Ao longo de três dias, perto de duas dezenas de investigadores nacionais e estrangeiros puderam partilhar os seus percursos de investigação, propor fontes e novas perspetivas de análise e discutir hipóteses interpretativas e de trabalho a partir de uma trilogia que cruza lugares, objetos e práticas enquadrados pela demanda que, dos tempos tardoantigos ou medievais até à contemporaneidade, assinala a constante procura humana pela experiência do mistério. Na dinâmica encarnatória do Cristianismo, o mistério faz-se carne em Cristo, pode ser visto, tocado, experienciado. A partir dele e dos que exemplarmente O seguiram em todos os tempos, essa força do divino que opera em vida de Cristo e dos seus santos prolonga-se nos seus corpos, nos lugares e objetos por eles tocados ou associados à memória da sua presença, sustentada na crença de uma comunhão que liga vida e morte, o mundo terrestre e o celeste, o material e o espiritual.

André Vauchez (Institut Universitaire de France – IUF), abriu o Colóquio propondo um olhar sobre os santuários, que se mostram diversos na sua natureza – entre santuários de contacto com os corpos santos aos hierofânicos, associados a visões e aparições, ou icónicos, pela *inventio* de imagens santas e milagrosas – mas múltiplos também nas suas funções – devocionais, identitárias, agregadoras ou diferenciadoras, legitimadoras de poderes e hierarquias sociais. Maria de Lurdes Correia (Faculdade de Letras da Universidade do Porto – FLUP) estendeu este olhar, minucioso e atento, seguindo o autor do *Santuário Mariano*, para identificar, para o espaço português, toda uma geografia e cronologia de imagens sagradas, sobretudo as da Virgem, que se diversificam em invocações e suportes materiais, identificando distintos contextos e práticas devocionais.

Patrick Henriët (École Pratique des Hautes Études – EPHE) e Maria João Branco (Instituto de Estudos Medievais, IEM – NOVA FCSH) centraram este olhar na cidade de Lisboa, nos cultos medievais de S. Vicente e do cavaleiro Henrique de Bona, a partir de perspectivas distintas, atendendo aos contextos de produção dos relatos hagiográficos de cariz martirial – vidas, trasladações, recolhas de milagres – mas também às suas funcionalidades legitimadoras dos distintos poderes, instituições e comunidades. A importância destes corpos santos foi analisada com minúcia por Immacolata Aulisa (Università degli Studi di Bari Aldo Moro), no acompanhar do florescimento do seu culto entre as primeiras comunidades cristãs, nas suas formas de enquadramento e legitimação por parte dos autores cristãos e das autoridades eclesíásticas, mas também a diversidade de procedimentos, no que à veneração dos corpos santos diz respeito, entre o mundo grego e o latino.

Michele Bacci (Universität Freiburg) e Luís Filipe Oliveira (Universidade do Algarve) estenderam este inquérito, quer aos lugares santos e às estratégias de espacialização concreta desta memória sagrada do passado, a que os fiéis se associam deixando aí a marca da sua presença, quer ao indagar das formas e importância de uma memória martirial entre as ordens militares com presença em Portugal no período medieval e as suas concretizações em termos de formas e práticas culturais e devocionais.

Os textos tiveram obviamente uma importância fundamental em grande parte das intervenções, em particular naquelas que procuraram interrogar, em articulação com a geografia dos lugares sagrados, detentores de imagens ou relíquias dignas de particular veneração e procuradas pelo seu poder taumátúrgico, as práticas e os significados da peregrinação. Metáfora, desde logo, da própria condição humana, como desde cedo acentuaram os textos neotestamentários e diversos textos da primitiva tradição cristã, ela foi interrogada por Ana Paiva Morais (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, IELT – NOVA FCSH) em relação a um conjunto específico de textos hagiográficos, ligando as formas modelares de entendimento da morte com os relatos de viagens imaginárias – da *Visão de Tíndalo* ao *Conto de Amaro* – que relembram como a própria vida e em particular a experiência monástica se orientam para a busca última dessa eternidade e desse paraíso que, nesta vida terrena, apenas pode ser vislumbrado e intuído.

Outros textos, mais profanos, abriram caminho para significados e funcionalidades diversos das peregrinações e dos próprios santuários para os quais se orientavam. Leituras mais distantes das dimensões espirituais ou religiosas das peregrinações, elas surpreenderam pelo seu carácter satírico – como demonstrou Fábio Barberini (Universidad de Girona) a partir da lírica provençal – ou pela sua articulação com outras motivações, que envolvem o encontro dos amantes, a festa e a romaria. Elvira Fidalgo (Universidade de Santiago de Compostela) demonstrou-o na análise do tema nas trovas galaico-portuguesas mas também a sua vertente mais política, patente no modo como, nas *Cantigas de Santa Maria*, se subordina o culto a Santiago e a peregrinação a Compostela a uma outra geografia associada ao culto mariano em templos de claro patrocínio régio.

Paulo Almeida Fernandes (Instituto de História da Arte, IHA – NOVA FCSH) conduziu a assistência pelo caminho de Torres que levava de Salamanca a Santiago por terras portuguesas, mostrando como o mesmo integrou itinerários que conjugavam santuários que custodiavam corpos e relíquias de particular veneração, mas também como sobre eles se

estruturam por vezes outras polaridades peregrinatórias, como se verificou com o santuário de S. Gonçalo de Amarante.

Anthony Bale (Birkbeck – University of London) trouxe, em contraste, o Guia de Viagens ao Oriente de Geoffrey Caldwell, da segunda metade de Quatrocentos e copiado, já no século XVI, juntamente com uma História ou Vida da Virgem. Em contraponto com esta, o relato por ele estudado centrou-se nas dimensões mais físicas, corporais, da peregrinação, aqui lida como viagem que importa preparar cuidadosamente, conhecendo as suas exigências e determinantes logísticas e o modo, muito prático, como os seus efeitos nefastos sobre a saúde física dos peregrinos podem ser contornados ou controlados.

Tendo os dois primeiros dias do encontro decorrido nas instalações da Universidade Nova de Lisboa (Colégio Almada Negreiros – Campus de Campolide) e da Universidade Católica Portuguesa (Edifício da Biblioteca), o encerramento teve lugar no Santuário de Nossa Senhora da Nazaré, mais especificamente no Palácio Real da Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, pela mão de Pedro Penteado (Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas – DGLAB / Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, UCP-CEHR) e do Prof. António Matos Ferreira (Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, FT-UCP).

Tal como em outras intervenções ao longo do Colóquio, também Pedro Penteado colocou os presentes entre os tempos medievais e os modernos, num aliciante itinerário pela história do Santuário e do culto de Nossa Senhora da Nazaré, ajudando, mais uma vez, a perceber continuidades, a persistência de práticas e dinâmicas que se aprofundam e enriquecem, marcando inclusive as formas presentes de vivência religiosa do Catolicismo português.

O colóquio fechou com chave de ouro com a conferência do Prof. António Matos Ferreira, sobre os significados, na contemporaneidade, do património religioso, num contexto de secularidade e de diversificação e pluralidade religiosas, mas também, como se verificou ao longo de todo o encontro, de persistência e mesmo de recrudescimento do fenómeno peregrinatório.

A visita que, após estas conferências, se fez ao santuário e museu da Real Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, atestou bem como o culto e a peregrinação em torno da Virgem aí miraculosamente aparecida se manteve até à atualidade, numa multiplicidade de objetos e sinais reveladores da devoção dos que demandavam este lugar, protetor face aos perigos do mar e das forças do caos e da morte que este sempre personificou.

Em suma, três dias de reflexão e debate materializados num *itinerário* imensamente rico, que se pretende possa vir a estar disponível para todos, com a publicação, em breve, dos respetivos textos num dos números da *Lusitania Sacra*, a revista do Centro de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.

